

RETALHOS ETNOGRÁFICOS NA ESCRITA DA HISTÓRIA: VISIBILIDADE CULTURAL DOS GRUPOS ÉTNICOS FORMADORES DO POVO DO RIO GRANDE DO SUL NA PRODUÇÃO DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

LUIZ ALBERTO DE SOUZA MARQUES – UNISUL/SC*

MARCELO NASCIMENTO MENDES - UNISUL/SC**

RESUMO

O presente estudo resulta de pesquisa bibliográfica realizada junto ao grupo de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade do curso de Mestrado em Educação/UNISUL, com a contribuição de bolsistas do PIBIC e analisa nove autores e dez produções didáticas sobre a história do Rio Grande do Sul destinadas ao ensino fundamental nos últimos 40 anos. Seu objetivo é identificar os componentes culturais que prestam visibilidade aos grupos étnicos formadores do povo gaúcho. Assim, os dados obtidos apontam para a revisão do discurso histórico escolar evidenciado nos textos didáticos, visando inserção da história local nas construções espaciais, sociais e econômicas, além das elaborações culturais presentes no cotidiano dos povos nativos, povoadores ou imigrantes, vistos até então através de traços simbólicos ou da folclorização de suas manifestações.

PALAVRAS-CHAVE: História local; Educação; Etnias.

ABSTRACT

This study follows the literature search conducted with the research group Education, Culture and Society Course Masters in Education / UNISUL, with the contribution of stock PIBIC and the author examines nine and ten productions teaching about the history of Rio Grande do Sul for the elementary school in the last 40 years. Its goal is to identify the cultural components that provide visibility to the ethnic groups of people gaúcho trainers. Thus, the data point to the review of academic discourse evidenced in didactic texts, seeking inclusion of local history in the construction space, social, than those present in everyday cultural elaborations of peoples, settlers and immigrants, then viewed through traces of the symbolic or folklorisation of its manifestations.

KEYWORDS : Local History; Education; Ethnicity.

1 INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul é considerado, no cenário brasileiro, um estado pluricultural. Estudos históricos e etnográficos registram a presença de grupos indígenas, africanos, europeus e asiáticos em suas múltiplas etnias. O presente estudo resulta de pesquisa bibliográfica, analisando produções didáticas dos últimos 40 anos sobre a história do Rio

*Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Doutor em Educação

Grande do Sul destinadas aos anos iniciais do ensino básico, objetivando identificar os componentes culturais desses grupos e como estes são apresentados aos alunos.

Ribeiro (1995: 405), ao debruçar-se sobre os “brasis sulinos”, afirma que “a característica básica do Brasil sulino, em comparação com as outras áreas culturais brasileiras, é sua heterogeneidade cultural”.

É perceptível essa heterogeneidade, como aponta Ribeiro, em qualquer cidade ou às margens das médias e grandes rodovias hoje, através da presença das churrasarias que representam o mais expressivo dos espaços simbólicos da mesa gaúcha.

Em torno dessa grande mesa, independentemente dos hábitos gastronômicos resultantes de uma memória étnica, sentam descendentes todos os povos formadores do povo sul brasileiro/gaúcho. Mesa essa a que Roger Bastide, utilizando-se de uma expressão de Paul Claudel, denominou de “a mesa da comunhão pascal” na qual todos os povos, originais ou transpostos para cá, “se misturam e cooperam num mesmo trabalho” (Bastide, 1979: 184).

Geralmente, junto com o prato principal – carne assada em forma de churrasco (modo específico de assar carne, contribuição culinária dos povos indígenas), encontramos um bufê (derivada de *buffet*, palavra francesa incorporada ao nosso vocabulário) com comidas salgadas e doces. A principal delas é a salada de batatas, tubérculo de origem sul-americana, aprovada na culinária européia com a denominação de “batata inglesa”, com mistura de maionese, também trazida pelos imigrantes alemães e presente nos hábitos dos seus descendentes. Entre verduras e legumes de diversas procedências, destaque para o aipim e a batata-doce (duas contribuições nativas para a nossa mesa) e a polenta (simbiose do milho americano com a culinária italiana).

Como bebidas, geralmente, a cerveja (identificada como de procedência alemã) ou o vinho (relacionado como contribuição italiana). As crianças se servem de guaraná (uma riqueza amazônica) ou coca-cola (presença multinacional norte-americana). A sobremesa mistura heranças da doçaria portuguesa com a germânica e produtos originários da terra.

Nos espaços públicos, nas cidades sulistas, encontramos toda sorte de falas e sutilezas de sotaques. São comuns expressões espanholadas na fala portuguesa ou pessoas falando alemão, italiano ou polonês nas áreas coloniais, mesclando expressões portuguesas além de uma vasta nomenclatura indígena indicando lugares.

Dançam todos os ritmos e possuem grupos folclóricos expressivos de diferentes nacionalidades, incorporados como elementos culturais próprios do Estado. Apenas uma

*Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Mestrando em Educação

expressão utilizada cotidianamente os identifica, ou seja, “de origem”. Essa expressão vem carregada de uma idéia de pertencimento, ou seja, todos gaúchos, brasileiros, mas na ancestralidade, têm outra identidade que os vincula aos países de origem de seus antepassados.

Oro (1996: 611) afirma: “A sociedade gaúcha constitui uma sociedade plural, composta de diferentes grupos étnicos que se identificam plenamente como gaúchos...”.

Essa mistura de etnias, gentes, hábitos, crenças e cotidianos nem sempre é compreendida como um valor maior na escola e muito menos é apresentada nos livros didáticos. Neles, as diferentes etnias são justapostas, mas vistas em separado. Em algumas manifestações cívicas, religiosas ou escolares, são mostrados os grupos formadores do povo gaúcho apenas em trajes, danças, alimentos, músicas de forma folclorizada, pouco contribuindo para o conhecimento efetivo da construção das sociedades representativas dos povos que aqui habitaram e/ou habitam.

São múltiplas e variadas as interrogações, mas para efeito deste trabalho, a constatação dessas diferenças leva a algumas questões norteadoras da pesquisa: Como os autores dos livros didáticos apresentam os diferentes grupos formadores do povo gaúcho? Quais os critérios estabelecidos para perceber essa representatividade? Os textos contidos nos livros didáticos permitem que os alunos se percebam descendentes de uma ou mais etnias?

Pesavento (2005: 89), ao expressar sua percepção sobre a importância da história cultural e conseqüentemente da construção das identidades culturais no entendimento do cotidiano histórico, afirma que “a identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença”.

Talvez, hoje, no conjunto da população urbana, acima de 80,0% do total da população gaúcha, as identidades não são tão mais demarcadoras de espaços sociais e culturais, mas nas comunidades interioranas, nos cotidianos representados pelos seus hábitos e costumes, estas são perceptíveis e estabelecem as diferenças conforme afirma Pesavento (ibidem: 91): “As identidades podem dar conta dos múltiplos recortes do social, sendo étnicas, raciais, religiosas, etárias, de gênero, de posição social, de classe ou de renda.”

As contribuições desses autores nos remetem à reflexão sobre como a escola lida em seu cotidiano pedagógico com as questões sobre a diversidade cultural, partindo do próprio conjunto de seus alunos e da diversidade ali representada.

2 EDUCAÇÃO, ENSINO DE HISTÓRIA E DIVERSIDADE CULTURAL

A etnografia é definida como um “estudo descritivo de um ou de vários aspectos sociais ou culturais de um povo ou grupo social”. (Dicionário Aurélio, 2004: 843). Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, os objetivos gerais da área de conhecimentos históricos preconizam o conhecimento e compreensão do universo em que vivem os alunos em famílias e em comunidades, numa perspectiva socioambiental e etnográfica através da construção de repertórios histórico-culturais. Com relação a esses estudos os parâmetros trazem como premissas, entre outras:

- Reconhecer semelhanças e diferenças de ordem econômica, social, política e cultural identificáveis em seu grupo de convivência – familiar e meio – numa perspectiva de cotidiano;

Reconhecer permanências e mudanças, no espaço e no tempo, em suas vivências cotidianas em família e em sociedade;

Caracterizar modos de vida específicos de sua comunidade e realizar estudos comparativos com outras sociedades;

Conhecer e respeitar o modo de vida dos grupos sociais e suas diferenças.

Ao referir-se a questões de natureza histórica, tanto os parâmetros curriculares como outras propostas anteriores, vêm preconizando o conhecimento histórico construído pelos alunos e tendo como referência a história local e cotidiana.

Entretanto, o que se depara num considerável número de escolas por onde tenho transitado, é uma defasagem entre as premissas e a ação docente. Muitos dos objetivos estão até hoje sendo utilizados nas propostas curriculares e de ação dos professores, mas no cotidiano do espaço e da ação pedagógica existe um visível distanciamento entre o uso da palavra (discurso) e a efetivação dela (prática).

Essa visão discriminatória dos diferentes grupos formadores do povo brasileiro presente nos livros didáticos na forma de invisibilidade de sua colaboração e construções culturais é o foco central desta pesquisa, pois para Fernandes (2005: 280) “Quando se trata de abordar a cultura dessas minorias, ela é vista de forma folclorizada e pitoresca, como mero legado deixado por índios e negros, mas dando-se ao europeu a condição de portador de uma ‘cultura superior civilizada’”.

3 O ÂMBITO DA PESQUISA

A presente pesquisa bibliográfica foi construída visando à análise de nove autores que produziram e editaram dez livros didáticos sobre a história do Rio Grande do Sul para as

séries iniciais do ensino fundamental, nos últimos 40 anos, cujas obras estão presentes em sala de aula ou nas bibliotecas escolares, disponíveis para consulta por alunos e professores.

A proposta objetivou levantar informações sobre o “olhar” dos autores com respeito à contribuição cultural de onze povos e etnias diferentes e de maior expressão na formação do povo sul-rio-grandense.

Para tanto, foram selecionadas cinco categorias de análise da formação social e cultural, a saber:

- 1) Espaço ocupado. Consideram-se as regiões ocupadas com o sentido de território, de pertencimento a um espaço construído;

Aspectos históricos. Um recorte dos motivos da vinda e fixação no Brasil, com exceção dos povos já existentes;

Sociedade. Tipo de sociedades que formaram, entendendo por sociedade um conjunto de pessoas que vivem em um determinado tempo e espaço, convivendo dentro de padrões comuns de vida e que possuam um sentimento de pertencimento a esse grupo;

Economia. Atividades econômicas a que se dedicavam e os recortes culturais resultantes dessa atividade;

Cultura. No meio cultural, o estudo enfoca as manifestações culturais vivenciadas no cotidiano dos espaços local e regional.

3.1 As etnias estudadas e as representações simbólicas

1. **Povos Indígenas.** Os nove autores fazem referência aos grupos indígenas.

Com a divisão dos grupos indígenas em três nações: guaranis, gês e pampianos, os povos indígenas acabaram por ser o grupo com maior visibilidade nos livros analisados.

Espaço: cinco deles procuraram mostrar as regiões através da utilização de mapas ou croquis, indicando as macro-áreas. Fazem referência somente às ocupações passadas. Dois autores procuram contextualizar a existência dos povos remanescentes. História: sete autores fazem relação ao encontro dos índios com os europeus e as conseqüência desse encontro, a saber: situação dos índios nos séculos XVI, XVII e XVIII e a ocupação dos espaços indígenas; a fundação das reduções missioneiras; a escravidão e caça aos índios pelos bandeirantes paulistas; a morte por doenças desconhecidas no contato com o homem branco; o extermínio por intermédio dos “bugreiros”; o massacre dos pampianos pelos castelhanos; as dificuldades de sobrevivência no confinamento em pequenas áreas. Sociedade: todos fazem referência à formação de aldeias utilizando a expressão “taba”. Economia: enfoca-se o tipo de lavoura coletiva, a utilização da coivara como técnica utilizada posteriormente pelos europeus, a divisão do trabalho entre homens e mulheres e o papel de cada um deles e os produtos agrícolas conhecidos pelos índios. Cultura: curiosamente, os povos indígenas foram os que tiveram o maior destaque de hábitos cotidianos. No tocante aos guaranis, oito autores citam um considerável número de atividades cotidianas, que vão da divisão do trabalho às festas, aos hábitos alimentares, à construção das casas, confecção de instrumentos musicais utilizados nos rituais, o domínio da tecelagem e a algumas palavras de origem guarani. Quanto ao grupo gê, dois autores citam diferentes hábitos indígenas do grupo que se assemelham aos demais povos. No tocante aos pampianos, quatro autores citam os hábitos de caça, tendo como arma a lança, a boleadeira e a flecha, citando que assavam a carne em

brasas. Com a introdução do cavalo, tornaram-se terríveis cavaleiros.

2. **Portugueses.** Todos os autores citam a presença portuguesa.

Espaço: relacionam a ocupação portuguesa com o caminho das tropas, derivando a fixação das estâncias através da doação de sesmarias, principiando pela fundação de Laguna e a ligação com a Colônia do Sacramento. História: estabelecem como referência histórica a fundação de Laguna e, como extensão, a fundação de Rio Grande e da Colônia do Sacramento, marcando o início da ocupação portuguesa. Os primeiros desbravadores formam as estâncias que mais tarde geram os primeiros povoados. Destacam os tropeiros como sendo os primeiros ocupantes portugueses. Sociedade: uma autora faz referência às estâncias como embriões de sociedades, dos primeiros povoados e cidades. Economia: os autores citam a preia do gado chimarrão nas vacarias, o aprisionamento em torno das estâncias e as tropas para serem comercializadas no centro do país. Alguns autores citam as charqueadas como primeira atividade econômica. Cultura: uma autora cita como contribuição cultural dos portugueses: a língua que falamos; o catolicismo; as festas e o terno de reis.

3. **Portugueses/Açorianos.** São mencionados pela totalidade dos autores.

Espaço: registram a presença dos açorianos no litoral do Rio Grande, na depressão central nos vales de Jacuí e Taquari, como território identitário. História: alguns citam a data de 1752 como marco de referência do desembarque dos primeiros casais açorianos. Sociedade: nenhum autor cita o tipo de ocupação. Economia: no tocante às atividades econômicas, citam a preia do gado nas vacarias, o e aprisionamento nas estâncias. Referem-se aos produtos agrícolas introduzidos pelos açorianos. Cultura: apenas três autores citam as contribuições culturais através da religião e das festas.

4. **Africanos.** São citados por cinco autores.

Espaço: um autor cita as charqueadas como espaço de referência dos primeiros africanos trazidos para o RS. História: poucos citam dados históricos, como a vinda dos africanos como escravos para as charqueadas. Para uma autora, a presença dos primeiros africanos deu-se nas expedições exploratórias, com a chegada dos tropeiros e o trabalho nas estâncias. Sociedade: dois autores fazem referência aos quilombos como embrião de sociedades livres. Economia: os poucos autores que se debruçam sobre essa questão citam a contribuição da mão-de-obra escrava no desenvolvimento das charqueadas, mas não como contribuição dos grupos libertos. Um autor cita as atividades desenvolvidas pelos

escravos urbanos ou domésticos. Cultura: os autores que fazem referência citam as palavras incorporadas ao nosso vocabulário, hábitos na culinária e no vestuário. Mencionam as lendas e fazem referência aos cultos religiosos. Na contribuição nas artes, capoeira e samba como evolução das danças de batuque.

5. **Espanhóis.** Somente uma autora faz referência.

Espaço: cita a penetração pelas fronteiras dos então territórios espanhóis como o Uruguai, Argentina e Porto do Rio Grande. História: aponta a fundação dos sete Povos das missões pelos jesuítas espanhóis. Sociedade: faz referência à formação das estâncias como contribuição espanhola. Economia: cita os espanhóis como responsáveis pela introdução do gado no RS. Cultura: registra a indumentária do gaúcho como influência espanhola.

6. **Alemães.** São citados pelos nove autores.

Espaço: citam os vales dos rios como as áreas prioritárias de assentamento dos alemães e as cidades fundadas. História: cinco deles se detêm na data de chegada dos colonos alemães, em 1824. Citam as condições de vida na Alemanha, os estímulos à vinda para o Brasil e os conflitos com os povos indígenas nas áreas coloniais. Sociedade: seis autores apontam a dificuldade de integração devido ao idioma, a solidariedade entre as famílias, o surgimento dos povoados em torno da igreja, da escola e do cemitério, que mais tarde se tornaram grandes cidades. Economia: apontam a organização da atividade produtora em torno da “colônia”: os colonos alemães dedicaram-se a agricultura com posterior surgimento de várias indústrias e as primeiras casas comerciais. Cultura: sociedades de canto, tiro. Presença alemã na árvore de natal e coroa de advento; bebidas (cerveja); alimentos em conserva; festas (Oktoberfest), bandinhas, coros de música, jogos bolão e tiro ao alvo.

7. **Italianos.** São citados também pelos nove autores.

Espaço: estabeleceram-se na região montanhosa do planalto sul-rio-grandense. A transformação dos povoados em cidades. História: citam como motivos da emigração as crises econômicas na Itália devido às guerras de unificação e início da atividade industrial.

Sociedade: nenhum autor faz referência ao tipo de sociedade colonial. Economia: dedicaram-se à agricultura como importante contribuição para o desenvolvimento agrícola e industrial do RS. Surgiram as cantinas ou adegas que deram origem a grandes indústrias vinícolas e instalaram pequenas ferrarias e carpintarias que se transformaram em importantes indústrias. Cultura: seis autores apontam os italianos como grupo muito religioso. Trouxeram o costume de comemorar as boas safras com festas. Os colonos se visitavam para rezar, conversar, ler as cartas que chegavam da Itália, contar histórias.

8. **Poloneses.** Quatro autores referem-se a esse grupo étnico.

Espaço: assinalam que eles foram assentados em propriedades rurais e citam as cidades fundadas. História: apontam as data em que foram fundadas as primeiras comunidades rurais. Sociedade: afirmam que em toda a comunidade que se formava era sempre construída uma escola e preocupados com a educação dos filhos. Economia: registram que os poloneses eram, na sua maioria, agricultores muito pobres. Cultura: apontam as músicas executadas por bandas e pequenas orquestras, além das danças tradicionais como a polca e a mazurca, marcas da imigração polonesa. Eram em sua maioria católicos e a religião tinha muita importância nas colônias polonesas.

9. **Judeus.** Dois autores mencionam esse grupo.

Espaço: estabeleceram-se principalmente na zona de imigração italiana, deslocando-se posteriormente para outras áreas. História: migraram devido aos conflitos em suas pátrias e foram apoiados pela Associação Judaica de Colonização. Sociedade: sem referência às colônias judaicas. Economia: a maioria desses imigrantes era especializada em alguma profissão, mas no RS passaram a se dedicar ao comércio. Cultura: a fundação de sinagogas.

10. **Árabes/sírios/libaneses.** Apenas um autor menciona esses grupos.

Espaço: estabeleceram-se principalmente na zona de imigração italiana. História: migraram devido aos conflitos em suas pátrias. Sociedade: sem referência ao tipo de organização social. Economia: a maioria desses imigrantes era especializada em alguma profissão mas no RS passaram a se dedicar ao comércio. Cultura: não citam.

11. **Japoneses.** Apenas um autor cita o grupo.

Espaço: não faz referência às áreas de assentamento no RS. História: menciona que os japoneses vieram ao Brasil para fazer aqui a sua nova pátria. No tocante a sociedade, economia e cultura, nada consta.

4 CONCLUSÃO

O estudo demonstra que, ao tratar dos povos formadores da população sul-rio-grandense, os autores pesquisados na obras didáticas pouco têm contribuído para o conhecimento de uma história cultural e social no âmbito da escola.

No tocante às cinco categorias estudadas, os dados mostram a escassa visibilidade dos grupos étnicos, uma vez que os autores não contextualizam suficientemente os dados apresentados, levando-se em consideração o grau de maturidade para o conhecimento e reconhecimento histórico nas séries iniciais em relação à história cultural local e regional.

Os dados levantados demonstram que:

Quanto aos territórios ocupados como identidade geográfica, nomeiam os principais núcleos de povoamento ou colonização que se constituíram em importantes cidades do Estado;

No tocante aos dados históricos, percebe-se a predominância de uma história factual embasada em datas e nos motivos da vinda dos grupos;

Ao se referirem às sociedades formadas pelos grupos pouco contribuem para que os alunos possam perceber a historicidade de seus próprios espaços de vida.

Na abordagem econômica, concentram-se na listagem dos produtos produzidos, tanto nas atividades agrícolas como industriais;

No tocante à cultura, os textos apresentam os traços culturais simbólicos tais como alimentação, artes, habitação, hábitos e costumes como contribuição cultural.

Os dados acima apontam para a necessidade de uma revisão dos textos didáticos a fim de incluir e destacar as contribuições e elaborações culturais presentes no cotidiano dos povos, além dos traços simbólicos de suas manifestações culturais, permitindo aos alunos terem uma percepção de seus grupos étnicos originais e avaliar como eles participaram da construção do povo e das sociedades diferenciadas do RS ou, como quer Canclini (2007: 56), “do patrimônio intercultural dos diferentes”.

5 REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio: Edit. UFRJ, 2007.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidades**. In: Ensino de História: novos horizontes. **Cadernos CEDES**, Vol.25, nº 67. São Paulo: Cortez, Campinas CEDES, set/dez 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

JARDIM, Fátima Flores. **Estudos Sociais**: Rio Grande do Sul: educação e desenvolvimento do senso crítico. São Paulo: Editora do Brasil, 1995.

KOTECK, Luiz Moraes. **Conhecendo o Rio Grande do Sul**. São Paulo: Ática, 2003.

KRÄMER, Elva Verlang. **Terra Gaúcha**: estudos sociais. São Paulo: FTD, 1992.

MARQUES, Yolanda. **Estudos Sociais**: estudando o Estado do Rio Grande do Sul. São Paulo: Cia Editora Nacional, s/data.

MOREIRA, Igor. **Estudos Sociais do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

ORO, Ari Pedro. Mi son talian. In: Presença italiana no Brasil. Porto Alegre: EST, 1996.

PERUGINE, Erdna; ROMBALDI, Maria Rosa; AROEIRA, Maria Luiza C.; CALDEIRA, Maria José. **Gente, terra verde, céu azul**. Estudos Sociais. São Paulo: Ática, 1990.

PILETTI, Felipe. **História**: Rio Grande do Sul. São Paulo: Ática, 2006.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul**. Caderno EDUCS 3. Caxias do Sul: UCS, 1990.

QUEVEDO, Júlio; ORDOÑEZ, Marlene; SALES, Geraldo. **Rio Grande do Sul**: estudos sociais. São Paulo: Scipione, 1994.

ZANIOL, Izabel. **Conhecendo a Terra Gaúcha**. (sem demais dados bibliográficos)